

WAKANDA FOREVER COMO ESPÓLIO DE MAAFA: GESTUALIDADE EM REDE A PARTIR DE PANTERA NEGRA

Wakanda forever as maafa's booty: networked gestures from Black Panther

Wakanda forever como botín de maafa: gestualidad en red de Pantera Negra

Alexandre Souza da Silva¹
Juliana Freire Gutmann²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14650

Resumo: O artigo apresenta reflexão sobre como o gesto “Wakanda para sempre”, presente nos filmes do super herói Pantera Negra, é reencenado por coletivos negros no Instagram enquanto possibilidade de reivindicação de espólios de Maafa (Njeri, 2019). A gestualidade, vista sob a lente da performance (Taylor, 2013), é um potente rastro de compreensão da experiência com a obra, em que corpos negros acionam ancestralidades para aquilombar-se, em negociação com perspectivas afrofuturistas da cultura pop.

Palavras-chave: Wakanda para sempre. Afrofuturismo. Espólios de Maafa. Performance.

Abstract: The article presents a reflection on how the gesture “Wakanda forever”, present in the films of the superhero Black Panther, is re-enacted by black collectives on Instagram as a possibility of claiming Maafa spoils (Njeri, 2019). Gestuality, seen through the lens of performance (Taylor, 2013), is a powerful trace of understanding of the experience with the work, in which black bodies activate ancestries to aquilomb themselves, in negotiation with Afrofuturist perspectives of pop culture.

Keywords: Wakanda Forever .Afrofuturism. Maafa's booty. Performance.

Resumen: El artículo presenta una reflexión sobre cómo el gesto “Wakanda forever”, presente en las películas del superhéroe Black Panther, es recreado por colectivos negros en Instagram como una posibilidad de reclamar el botín de Maafa (Njeri, 2019). Los gestos, vistos a través del lente de la performance (Taylor, 2013), son una poderosa huella de comprensión de la experiencia con la obra, en la que los cuerpos negros desencadenan ascendencias a asimilar, en negociación con las perspectivas afrofuturistas de la cultura pop.

Palabras-clave: Wakanda para siempre. Afrofuturismo. Botín de Maafa. Performance.

¹ Mestre, Universidade Federal da Bahia, Salvador- BA, Brasil. ale_souzasilva@hotmail.com | <https://orcid.org/0009-0002-0345-7375>.

² Doutora, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, Brasil. jugutmann@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4760-670X>.

Artigo submetido em: outubro/2023. Aprovado em: dezembro/2023.

Esferas, ano 13, vol. 3, nº 28, setembro-dezembro de 2023 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



Introdução

Pantera Negra é uma obra de super-herói que narra as aventuras de T'Challa, no reino fictício africano de *Wakanda*, do qual ele é rei. O personagem é uma criação do editor e escritor Stan Lee e do ilustrador e escritor Jack Kirby, ambos da Marvel Comics, e foi lançada no formato de HQ em 1966. A narrativa foi a primeira no contexto dos quadrinhos *mainstream* a dar vida a um super-herói negro africano. Mas somente no ano de 2018, ganhou seu primeiro longa-metragem, sucesso de bilheterias dos cinemas mundiais, protagonizado pelo ator Chadwick Boseman. Em novembro de 2022, é lançado o segundo filme da saga, *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022), marcado por um grande acontecimento em torno de sua produção: a morte de Boseman, que interpretou *T'Challa/Pantera Negra* no primeiro filme. O luto e a reverência ao ator são usados como encargo narrativo no filme de 2022 a partir do binômio *Chadwick/Pantera Negra*, ou seja, a morte do ator significa também a morte do super-herói na ficção.

Em estudo anterior (Silva, 2022), foi observado como o falecimento de Boseman atuou enquanto espécie de vetor midiático (Gutmann, 2022) para a mobilização de uma rede de corpos negros que performaram o luto a partir da gestualidade *Wakanda forever* (*Wakanda para sempre*). O movimento de cruzar os punhos à frente do corpo e abaixar a cabeça em torno dessa expressão, presente na saga e ressignificado na reverência a Boseman, foi visto como incorporação de reivindicações de afrofuturos (Silva, 2022). Tomando como base o estudo prévio, esta investigação³ identifica a reiteração dessa gestualidade em torno do filme de 2022, que precisou alterar seu roteiro original por conta da ausência do ator/personagem na trama. O gesto, performado nas redes digitais por coletivos de corpos negros,

³ Fruto de pesquisas com financiamento do CNPq.

se apresenta como rastro dessa experiência imaginativa de outros futuros. De maneira mais específica, propomos pensar articulações entre essa gestualidade própria da narrativa ficcional, reencenada nos modos de apreensão e consumo da obra, e o que a pesquisadora Asa Njeri (2019) denomina de espólios de Maafa.

O segundo filme, *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022), retroalimenta a imagem do primeiro *Pantera Negra* (2018) a partir de um roteiro gestual que restaura, enquanto vivência pop, essas disputas por afrofuturos (Silva, 2022). Ambas as narrativas audiovisuais se notabilizam por reivindicar, no campo do imaginário, protagonismos negros, levando, para o centro da cultura pop, questões sobre ancestralidade africana e autoestima da população negra. Nessa direção, a gestualidade é um modo de acionar, pelo corpo, as ancestralidades para fabularem novas histórias de si. É nutrir-se de África para ressignificar e restaurar as práticas genuinamente negras (Njeri, 2019).

A gestualidade é compreendida, neste estudo, pela perspectiva da performance (Taylor, 2013). Essas expressões performáticas nos permitiram rastrear uma trama de arquivos e repertórios em diáspora incorporados que se mostram enquanto coletivo, apontando também para relações com as tecnologias de aquilombamento, espaços coletivos de segurança das comunidades negras (Souto, 2021). Como quadro metodológico, articulamos a noção de performance à perspectiva do audiovisual em rede (Gutmann, 2022) como possibilidade de expansão e disputa sobre os sentidos da obra reencenados por outros corpos dispostos em perfis, imagens, legendas, emojis, comentários, likes etc. em circulação no Instagram.

Para a construção do corpus deste estudo, foi feito acompanhamento no Instagram em novembro de 2022, mês de lançamento do filme, através da tag #wakandaprasempre, que computa

mais 10,2 mil publicações⁴. No referido mês, foram inúmeras as postagens de pessoas na porta dos cinemas pelo Brasil reiterando a saudação. Nos chamou atenção os corpos que se mostraram em coletivo. Como amostra deste universo, selecionamos quatro postagens que congregam 2.709 curtidas e 114 comentários⁵, para ilustrar as reflexões trazidas nestes estudo sobre afrofuturismo, espólios de Maafa, performance e aquilombamento.

O AFROFUTURISMO ENQUANTO ESPÓLIO DE MAAFA

A diáspora africana, enquanto processo histórico que fez incidir na população negra um duplo trauma, seja pelo passado movido pela escravidão, seja no presente, com o racismo, perseguição e violência estatal, dinamiza-se numa “multivocalidade tanto transcultural como intercultural, caracterizada pela desterritorialização e reterritorialização bem como pela ambivalência entre a vida aqui e a memória e o desejo a acolá” (Butler & Domingues, 2020, p. XI-XII). As ações de invasões europeias impuseram aos sujeitos do continente africano um processo de captura, roubo, abdução, mutilação e escravidão, que Fanon vai identificar como “desvio existencial” (Fanon, 2008, p. 30), mediante componentes traumáticos de exílio, alienação, deslocamento e desumanização.

O trauma, segundo Nestrovski e Selligmann-Silva (2000), indica uma perspectiva dual e contraditória. Ao mesmo tempo em que perfura e fricciona, supera e passa adiante. O trauma “revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas simples de narrativa” (Nestrovski & Selligmann-Silva, 2000 p. 8). Quando se trata de abordar a

⁴ Dados coletados em 24.07.2023

⁵ Dados coletados em 26.07. 2023

diáspora africana negra, ela se dá sobretudo através de traumas e disputas em torno de reparações uma vez que esses traumas constituem ainda modos de vida na atualidade. Muito mais do que uma travessia entre dois continentes por meio do Oceano Atlântico, esse processo deve ser visto como uma travessia fundadora da catástrofe negra, cujos efeitos colaterais foram assimilados enquanto fraturas identitárias. “A conquista das Américas levou a uma das maiores catástrofes demográficas, se não a maior, que o mundo já viu” (Jahn, 2000, p. 73), não sendo apenas uma troca de palavras, de africanos para outros negros, e sim o esvaziamento subjetivo como herança afrodiaspórica.

A catástrofe da diáspora negra pode ser relacionada à noção de Presságio do Abismo, uma metáfora que remete “a uma cisão com o passado, pois se formou uma fenda abissal na consciência de grande parte dos cidadãos (...) o que impede muitos deles de refletirem (...) e traçar caminhos para o futuro” (Njeri, 2015, p. 36-37). Impera aqui um mesmo processo de exclusão - dos povos africanos em diáspora ou mesmo daqueles que estão no continente - que tem como característica o ataque à saúde mental e física na forma de genocídio histórico e cotidiano.

Esse processo se denomina Maafa, termo cunhado por Marimba Ani (1994), que seria o sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, em seus diversos deslocamentos forçados na afrodiaspora. A Maafa é um estado danoso aos povos africanos, pois “desta forma, os africanos sofrem o trauma histórico da sua desumanização e reproduzem as violências, contribuindo — e muitas das vezes facilitando o trabalho — para o genocídio” (Njeri, 2019, p. 07). A catástrofe negra moldou uma condição de existência negra no mundo, como bem aponta a Maafa, via experiência temporal do colapso. A manutenção desse colapso nos dias de hoje se dá sobretudo pelo pressentimento do abismo em corpos e mentes das pessoas negras. O fato de as pessoas negras não

possuírem garantia de vida, podendo terminar o seu dia vitimadas pelo violento engendramento social racista da necropolítica (Mbembe, 2018) e da condição de Maafa que impera no Brasil, evidencia como a noção de catástrofe negra ainda é presente e retroalimentada na atualidade.

Um possível caminho para a sobrevivência perante à condição de Maafa seria o que Njeri (2019) chama de espólios de Maafa, que são justamente esses engendramentos afrocentrados que buscam reivindicar acesso à ancestralidade e aos modos de imaginar, que foram abruptamente negados à população negra. O impulso que visa a construção de um futuro melhor, mas sem esquecer de olhar o passado através de outras lentes e perspectivas. É o “nutrir-se de África e América Latina para se apropriar, ressignificar e repetir as práticas genuinamente negras. (...) e trazê-los em potência de Vida aqui” (Njeri, 2019, p.196). Localizamos o afrofuturismo como uma dessas práticas ao posicioná-lo como forma de questionamento, de dentro da cultura pop global, das narrativas hegemônicas e eurocêntricas e de afirmação da cultura afrodiaspórica a partir da evocação da ancestralidade como forma de prospectar e construir possibilidades de futuros (Womack, 2013). Trata-se de “uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais [...], uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação”. (Womack, 2015 p. 30).

O afrofuturismo assume a perspectiva de cosmologias não-ocidentais que tensionam a linearidade temporal a partir do “protagonismo de corpos negros, de referências da ficção científica e de questões que envolvam a reivindicação de futuros negros, que se materializa em produtos audiovisuais como filmes, séries, álbuns musicais, HQs etc.” (Silva, 2022, p. 16). Afrofuturismo é, portanto, compreendido não apenas como um traço estético, mas como fenômeno mobilizador de narrativas que atravessam corpos negros em diáspora em estreito diálogo - seja para reiterar, seja para ressignificar,

seja para negociar - com a cultura pop. Articula-se, portanto, a essa condição de África nutrida e reapropriada, a esses espólios como formas de ocupar lacunas pelo agir imaginativo contra a vulnerabilidade que é imposta a população negra pela catástrofe.

Tal agir imaginativo pode ser materializado nas obras *Pantera Negra* (2018) e *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022) que possibilitam operações de espólios de Maafa. Desvelam-se prontamente como fruto da diáspora: obras cinematográficas negras de origem estadunidense, localizada num país imaginário na África, suspensa da realidade que, em si, opera no imaginário de retorno às origens. Na lógica da diáspora negra, são produtos e ações que permitem a reassunção ancestral através de Sankofa⁶, visando forjar alternativas futuras para a negritude num esforço de “resgatar a identidade e a ancestralidade perdidas; criar um novo futuro para transformar um presente que é imposto e mudar um passado que foi negado e deturpado” (Kabral, 2019, p. 109). As aspirações afrofuturistas são movidas num circuito comunicativo formado por modos de produção, produtos e processos audiovisuais especulativos que reivindicam futuros negros e mobilizam a constituição do que estamos denominando de redes de espólios de Maafa. Entendemos que essas redes, mobilizadas a partir de gestualidades enquanto modos de percepção, são força propulsora da superação dos traumas causados pela catástrofe do Atlântico Negro (Gilroy, 1993).

⁶ Sankofa é um símbolo de lembrança da história afro-americana e afro-brasileira, que recorda os erros do passado para que eles não sejam cometidos novamente no futuro.

INCORPORAÇÃO, PERFORMANCE E AUDIOVISUAL EM REDE

O cumprimento “Wakanda para sempre” é tomado como gesto mobilizador de uma rede de corporalidades negras que fabulam sensibilidades comuns e futuros possíveis a partir e através dos seus corpos. Tal abordagem se potencializa quando se pensa corpos negros em diáspora, os quais, conforme Débora Armelin Ferreira (2014, p. 38-39), não são um corpo único, individual, mas sim um “corpo participativo, humanitário. O corpo africano que se conecta com outra dimensão. E nessa relação que vai além de um único indivíduo no espaço, se estabelece uma identidade coletiva, visto como um aspecto importante dentro da cultura africana”. Em *Pensar Nagô* (2017), Sodré fala sobre uma “liturgia corporal”: “pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele” (Sodré, 2017, p. 106).

Em termos metodológicos, a gestualidade é compreendida pela chave da performance (Schechner, 2006; Taylor, 2013; Gutmann, Cardoso Filho, 2022) enquanto uma episteme (Taylor, 2013), um modo de ver e interpretar os fenômenos. Nessa direção, a noção de performance não está balizada apenas por um objeto empírico específico, um corpo que performa por exemplo, mas se dá no nível das relações entre corpos, contextos, ambiências midiáticas etc. (Cardoso Filho; Gutmann, 2022).

O corpo é aqui tomado enquanto “coletividade que se manifesta em reações afetivas e movimentos comuns” (Zumthor, 2010, p. 86). A noção de performance atua como espécie de categoria analítica, a partir da qual pretendemos compreender uma dada experiência em torno do filme. São comportamentos restaurados (Schechner, 2006) que acolhem convenções e disrupções. Diana Taylor (2013) discute a ideia de incorporação, no sentido de trazer para o corpo, enquanto elemento vital da performance que reitera e restaura através do acesso a arquivos e repertórios. Ou seja, a autora

compreende as noções de memória arquivada e memória incorporada como categorias-chave para o estudo da performance.

Como quadro metodológico para a construção do corpus de pesquisa, articulamos a noção de performance à noção de audiovisual em rede (Gutmann, 2022), que busca uma compreensão mais alargada do audiovisual com especial interesse para o modo como se dá seu consumo em rede. O filme é aqui um “vetor audiovisual” (Gutmann, 2021) que faz disparar incorporações/ mobilizações enredadas. Nessa perspectiva, o gesto “*Wakanda para sempre*” configura modo de acessar uma dada sensibilidade que extravasa a narrativa fílmica e articula os corpos dos personagens de *Wakanda* a outros materialmente dispostos em perfis, fotos, imagens, legendas, emojis, comentários, likes e dislikes etc., trama através da qual pretendemos localizar esse agir-coletivo, esse corpo-coletivo que reivindica direitos ao espólio de Maafa.

WAKANDA PARA SEMPRE: INCORPORAÇÕES DE AFROFUTUROS EM REDES

A saudação *Wakanda forever* é um modo de reiterar um gesto já arquivado (pela película, cartazes e fotografias dos filmes *Pantera Negra* e *Pantera Negra: Wakanda para sempre* em circulação nas redes sociais) e atravessado por repertórios afrofuturistas e ancestrais, que dão corpo a memórias, identidades roubadas como meio de fabulações de outros futuros. Não à toa, ela foi integrada para titular o segundo filme. Conforme o diretor da saga, Ryan Coogler (2018), a saudação tem duas fontes: os desenhos e esculturas de faraós egípcios da África Ocidental e o signifiado “amor” e “abraço” na linguagem americana de sinais (ASL). Essas duas fontes – de arquivos e repertórios - restauram a potência dessa gestualidade quando reincorporada pelo super- herói (Figura 1).



Figura 1 - Saudação Wakanda Forever Fonte: Instagram <https://urx1.com/OYwRO> <https://11nq.com/c4NHn>

À época do lançamento do primeiro filme, em 2018, a saudação foi abraçada como um código de honra à saga e à sua representatividade. O gesto foi restaurado pelos fãs de Chadwick Boseman nas homenagens póstumas por conta da sua morte em 2020, atuando como símbolo do luto midiático do intérprete de Pantera Negra (Silva, 2022). Esse luto em torno da sua morte real/ficcional se torna também motor do segundo filme, *Pantera Negra: Wakanda para Sempre* (2022). Na trama, vemos o rei T'Challa falecer de uma doença misteriosa que nem mesmo a sua irmã e cientista Shuri foi capaz de combater. Assim como nos contextos anteriores, a gestualidade *Wakanda forever* é acionada por

diversos corpos nas redes digitais configurando “interação e incorporação de negros e negras dispostos a mobilizar questões afro-identitárias no marco da cultura pop global” (Silva, 2022, p. 15).

A circulação do filme de *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022) foi marcada, no Brasil, por uma série de mobilizações de coletivos sociais. Dentre esses coletivos, destacam-se as ações do PerifaCon em parceria com a Disney, no dia 20 de novembro de 2022, quando realizou sessões gratuitas de exibição do filme nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, com participação de jovens provenientes de coletivos do movimento negro. Na imagem que circulou no Instagram (Figura 2), é possível perceber o movimento performático dos braços cruzados em forma de xis, fazendo referência à saudação “*Wakanda para sempre*”, reiterado por jovens e crianças na sala de cinema. Essa articulação se faz pelo simbolismo em torno do Dia da Consciência Negra, no Brasil, para convocar sentimento de partilha e de pertencimento, ao passo que ratifica a lógica capitalista da Disney que reitera o uso mercadológico da data (dia em que se “reserva” um momento para “se conscientizar” sobre a negritude) para a promoção do filme. Apesar da força de cooptação do marketing de oportunidade nessa aliança, entendemos a ação também enquanto tática de negociação e abertura de brechas para disputar o protagonismo negro na Marvel.



Figura 2 - jovens na sessão promovida pelo PerifaCon. Fonte: Instagram <https://bit.ly/4669O1w>

A performance constitui pistas desta experiência com o filme que extrapola a narrativa, atravessa corpos negros mobilizados pelo seu protagonismo no âmbito da cultura pop. Ainda sobre as articulações das narrativas periféricas com a obra *Pantera Negra*, temos uma foto no perfil do cosplayer Rafael Percival trajado de *Pantera Negra* acompanhado por crianças (Figura 3). Todos estão performando o movimento da saudação à *Wakanda* em frente ao cinema CineCarioca Nova Brasília, localizado dentro da comunidade do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, conhecido como um dos maiores complexos de favelas do Brasil.



Figura 3 - Crianças do Complexo do Alemão em frente CineCarioca Nova Brasília, Rio de Janeiro. Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck7Jiw4jT-D/>

A existência de uma sala de cinema com obras do circuito comercial dentro da periferia materializa espaço de apropriação e de reivindicação de protagonismo negro na cultura pop. E se por tanto tempo falamos sobre cooptações da cultura pop, suas relações com o mercado, com o capital e as lógicas mercantilistas e colonialistas, por que não seria possível também pensar sobre esses modos de cooptação em negociação com as lutas afrodiaspóricas? Ser criança negra e/ou periférica e ter acesso a referências afrofuturistas nas obras ditas *mainstream*; ver um super-herói negro e se sentir representada por uma história em que os personagens são majoritariamente negros são dinâmicas que abrem possibilidades outras de construção de futuros desde a infância. O *Wakanda forever* reiterado

nas imagens esgaça esse segundo gesto, que passa pelo desejo, pelo reconhecimento e pela possibilidade de fabulação de futuros e mundos (im) possíveis no âmbito da ficção científica na cultura pop. Daí a força e a potência da sensibilidade afrofuturista permanentemente reiterada por esse movimento corporal configurado em rede.

Vínculos afetivos entre crianças que moram em regiões periféricas e a cultura pop, a partir a fabulação de futuros incorporada no gesto, pode ser ilustrada pela Figura 4, em referência às ações que ocorreram em Belo Horizonte (MG) através do Projeto "Wakanda é Nós", do coletivo Casa das Preta. A partir da criação de uma vaquinha online foi possível a ida de 400 adolescentes e jovens de projetos sociais e escolas públicas para assistirem *"Pantera Negra: Wakanda para sempre"* (2022). Além disso, houve parceria com uma rede de shopping que fechou duas salas para o projeto. As imagens da Figura 4 foram retiradas do Instagram da Luísa Helena, uma das idealizadoras do projeto. Chama a atenção a ênfase ao senso de coletividade negra que perpassa o nome do projeto, "Wakanda é Nós". Também observamos, a partir dos corpos que se mostram nas postagens, o movimento reiterado da saudação feito pelo público: dois deles aparecem com os trajes do super-heróis.

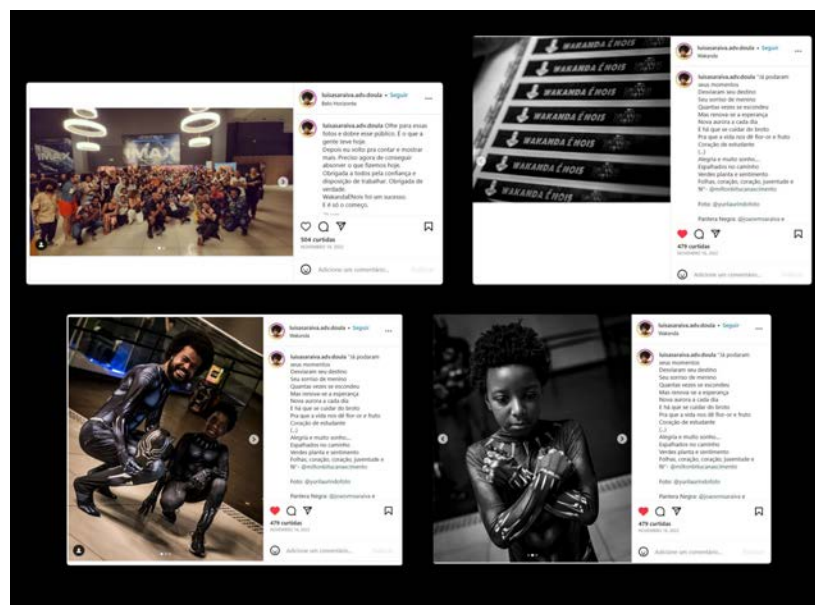


Figura 4 - Registros da sessão de cinema promovida pelo Projeto "Wakanda é Nós" em Belo Horizonte. Fonte: Instagram: <https://www.instagram.com/p/Ck9RKngUg-D/>

Essa ação do coletivo Casa das Pretas possui semelhanças com as articulações feitas pelo movimento Intelectualidade Afrobrasileira, que fez a Sessão Black Kids em São Paulo (SP), levando mais de 100 crianças da comunidade Monte Azul, Zona Sul da cidade, para assistir ao filme *Pantera Negra: Wakanda forever* (2022). A imagem (figura 5) revela uma sala lotada, com as pessoas de mãos levantadas e punhos cerrados — expressão de força, orgulho e união do povo negro. A intenção do “Wakanda para sempre” é virtualizada na foto e materializada nas tags #wakandaforever e #wakandaparasempre na postagem.



Figura 5 - Sessão Black Kids promovida pelo movimento Intelectualidade Afrobrasileira em São Paulo, Fonte: Instagram:

<https://www.instagram.com/p/CIADLetyf/>

As gestualidades reiteradas pelos Coletivos Intelectualidade Afrobrasileira, Wakanda é Nós, PerifaCon e nas sessões no CineCarioca Nova Brasília no Rio de Janeiro não desempenham, neste estudo, um mero papel ilustrativo (ou simplesmente afirmativo) da repercussão do filme nas redes digitais. A repetição dessa gestualidade revela um modo de espectadorialidade negra que não só põe outros corpos na cena pop, mas articula, ou aquilomba, rede de engajamentos identitários em torno de reivindicações de futuros possíveis. Sejam os corpos que aparecem juntos nas postagens, sejam os que se conectam e alargam esses coletivos através de comentários, reações, compartilhamento, *tags*, é possível perceber uma ritualidade coletiva nesse encontro com o *Pantera Negra* que passa, necessariamente, pelo corpo e pela possibilidade de existência e de disputa por protagonismos.

AQUILOMBAR-SE: O ESPÓLIO DE MAAFA REIVINDICADO EM GESTO COLETIVO

As reiteraões dessa gestualidade, pensando como performances/comportamentos restaurados (Schechner, 2006; Taylor, 2013), são compreendidas, neste estudo, enquanto reivindicações do espólio de Maafa. Um indicativo negociado e que se materializa na inclusão grupal da saudação àquele território onde passado-presente-futuro se cruzam, colidem e se reinventam. A performance restaurada configura, assim, um corpo-coletivo que se manifesta enquanto gesto comum e ganha força em rede pelo sentido de “aliança”, “conectividade” reiterado pelos comentários, compartilhamentos e likes no Instagram.

Nas postagens coletadas, é perceptível o senso de comunidade e mobilização orquestrado pelos movimentos em direção não só à inclusão e acesso de crianças e adolescentes à cultura, mas à força afetiva de reivindicação de seu protagonismo. *Pantera Negra* serve, assim, de atrativo para ações que visam promover a inclusão social, o acesso à cultural, bem como o entendimento da importância da representatividade negra nas histórias e narrativas. Essas ações podem ser vistas pela ótica de uma força afetiva e tática de aquilombamento, que seria “a continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição” (Nascimento, 2018, p.7).

Pantera Negra: Wakanda Para Sempre funciona como um gatilho para o acionamento dessas táticas coletivas de reivindicações de seus espólios. Conforme Souto (2021), o aquilombamento assume “uma performance fragmentada, constituindo-se enquanto espaços de segurança, sejam estes físicos ou simbólicos, imbricados no dia a dia das comunidades negras.” (Souto, 2021, p.155) Nesses termos, compreendemos a saudação Wakanda Forever enquanto corpo-coletivo impulsionado por

ações negras que se mostram e disputam visibilidade através de fragmentos diversos (emojis, fotos, likes etc.). Tal perspectiva abre a possibilidade de pensar o quilombo para além da ideia de território geopolítico físico secular, nesse caso as disputas aquilombadas são também pelo território do sensível, da auto estima negra, da representatividade no campo do simbólico das redes sociais através da performance Wakanda Forever. Tais ações podem ser vistas como modos de se situar e enfrentar os efeitos colaterais da Maafa que se configuram e conformam no cotidiano necropolítico brasileiro. São nessas brechas e entrelugares que ações como as dos coletivos negros indo aos cinemas no Brasil assistir ao filme do Pantera Negra, surgem como força e fôlegos para nutrir-se de ancestralidade, a ritualidade coletiva nesses atos aqui pesquisados, dão um tom de como são operadas essas dinâmicas aquilombadas.

A ideia de espólios de Maafa, materializados através das obras cinematográficas do *Pantera Negra*, lançou luz à interpretação dessa gestualidade reiterada enquanto espólios que apontam para projetos e experiências de liberdades e fôlegos de vida concretas-espirituais, que sustentam a população negra-africana. Pelo gesto performático, são admitidas através do corpo disputas e reivindicações em direção ao usufruto dos espólios de Maafa; à herança de Sankofa, num conjunto de referências estéticas e performáticas, como as que operam a obra *Pantera Negra*. Tais movimentos podem ser vistos como uma retomada à ancestralidade, um entendimento de se sentir/ser negro no contexto contemporâneo em que as redes sociais, como no caso o Instagram, são espaços de construção de memórias, disputas e reiterações de identidades afrodiaspóricas por corpos negros em redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pantera Negra: Wakanda para sempre (2022) retroalimenta, no imaginário do público, a narrativa e a imagem do primeiro filme lançado em 2018. O protagonismo preto na cultura pop global representa, para uma grande parcela da população afro-brasileira, principalmente crianças e adolescentes, a oportunidade de experimentar afrofabulações de si muitos distintas dos engendramentos racistas e opressivos que regimentam as sociedades contemporâneas. A obra age mais do que apenas um produto fílmico, e sim, quando ativada no contexto afrodiaspórico brasileiro, transborda para outras vias, para outros modos de sobrevivência perante ao epistemicídio, as políticas necropolíticas e ao racismo, seja ele estrutural, cultural e institucional.

Os espólios de Maafa e o aquilombamento são modus operandis encontrados pela negritude em diáspora para sobre (viver) e se situar perante ao epistemicídio recorrente e fundador das sociedades euromodernas. Sejam nos candomblés, favelas e/ou quilombos valores africanos como corporeidade, cooperatividade, musicalidade e oralidade constroem as relações e tessituras de ser negro no Brasil no contexto afrodiaspórico contemporâneo. Essa experiência se dá justamente pelo usufruto dos espólios de Maafa, como é o caso aqui da apropriação feita em torno do Wakanda Forever, da ação de nutrir-se de fôlegos de África com o intuito de garantir um modo de ser africano, cuja centralidade seja a experiência negra. Afinal a construção e operação de outros futuros-passados-presentes possíveis, ocorrem no aqui e agora, nesse entendimento de que qualquer pessoa negra em diáspora carrega em si um potencial subjetivo de entender e se ligar a sua ancestralidade a qual lhe foi negada a séculos.

Nessa retomada subjetiva afrodiaspóricas o “Aquilombamento” é esse instrumento de resistência e pertencimento que atravessou épocas. A ação de aquilombar-se passa muito pelo organizar

conceitos, comunicar, construir narrativas e fundamentos no intuito de criar um diálogo dinâmico com o conjunto da sociedade. No caso das relações que giram em torno do filme *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022) no Brasil, elas passam muito pelas Táticas de mobilização de pessoas, investimento financeiro, transporte, logística em levar crianças aos cinemas para assistir ao filme. Esse ato de ritualidade coletiva gerenciados por esses coletivos negros nesse encontro com a obra *Pantera Negra* pode ser visto como ato de descolonização de corpos e mentes negras operando pela força da reconexão ancestral.

Afinal, aquilombar-se perpassa pela construção de espaços coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de fortalecimento de memórias e identidades. E isso se materializa nas relações forjadas pelos coletivos negros em se apropriar da narrativa *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022). A Obra criada por Stan Lee em 1966, transformada em filme em 2018 e tendo sua continuação em 2022, mesmo atravessando décadas da sua existência, continua sendo um potencial entendimento e articulação do afrofuturismo na cultura pop, por meio da sua narrativa afrofabulada *Pantera Negra* acaba servindo como ativador dessas táticas de aquilombamento e usufruto dos espólios de Maafa, que reverberam sobretudo nas crianças e adolescentes. Pelo gesto “Wakanda para sempre”, esses corpos se conectam, aquilombam-se e se nutrem de suas ancestralidades para negociar e disputar outras hegemonias no marco do capitalismo e da cultura pop.

Referências

- Ani, M. (1994). *Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior*. Trenton: África World Press.
- Butler, K & Domingues, P. (2020). *Diásporas imaginadas: atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Coogler, R (Diretor). (2018). *Pantera Negra* [Filme]. Marvel/Disney.
- Coogler, R (Diretor). (2022). *Pantera Negra: Wakanda Forever* [Filme]. Marvel/Disney.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Ferreira, D. A. (2014). O Corpo Como Local De Discurso: artistas mulheres em África. *Sankofa* (São Paulo), 7(13), 29-49. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2014.88949>
- Gilroy, P. (1993). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- Gutmann, J.F. (2021). *Audiovisual em rede: derivas conceituais*. Editora UFMG.
- Gutmann, J. F; Cardoso filho, J. (2022) *Performance em contextos midiáticos: MTV BR e Rock SSA*. Salvador: Edufba
- Jahn, B. (2000). *The Cultural Construction of International Relations: The Invention of the State of Nature*. New York: Palgrave..
- Kabral, F. (2019). AFROFUTURISMO: Ensaio sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo. In: Lima, E; Santos, F; Nakashima, H; Tedeschi, L. *Ensaio Sobre Racismos*. 1. ed. (p. 104-115) São Paulo: Balão Editorial.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições.
- Nascimento, M. B. (2018). *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição*. São Paulo: Diáspora Africana.
- Njeri, A. (2015). *Canto em Lira quebrada: uma leitura da poética de Guita Jr*. Maputo: Editora Alcance;
- Njeri, A. (2019). Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. (p. 164 – 226) Rio de Janeiro. *Revista Ítaca*, v.n. 36.
- Schechner, R. (2006) *Performance Studies: an introduction*. New York: Routledge.

Seligmann-silva, M. (2000) A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta.

SILVA.A. (2022) Wakanda Forever: reivindicações de afrofuturos em torno do pantera negra Chadwick Boseman. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Sodré, M. (2017). Pensar Nagô. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Souto, S. (2021). É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. (p, 142–159) Políticas Culturais Em Revista, 14(2). <https://doi.org/10.9771/pcr.v14i2.44151>

Taylor, D. (2013) O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Womack, N. (2013). Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture. Chicago: Lawrence Hill Books.

Womack, N. (2015) “Cadete Espacial”. In: Freitas, K (org.). Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica. São Paulo: Caixa Cultural.

Zumthor, P. (2010) Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG.